

A medalha de ouro em preconceito

Luciano Cerqueira¹

Há mais de uma década me debruço sobre o tema do preconceito nos esportes. Às vezes, tenho a sensação de ter dedicado tempo a um assunto sem importância e que logo não terei mais o que falar sobre ele. Mas eu me enganei.

Em 2005, enquanto pesquisador do Ibase², participei do lançamento da campanha “Mande um cartão vermelho para o racismo no futebol”. Tínhamos uma petição *online* para recolher assinaturas e enviar à Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF). Nossa ideia era pedir a RFEF punições mais severas aos casos de racismo que ocorriam (e ainda ocorrem) nos estádios europeus. Na época, atletas brasileiros (Roberto Carlos, Marcelo e Daniel Alves entre outros) eram as maiores vítimas. Para se ter uma ideia, quando os torcedores tinham atitudes racistas – como jogar bananas dentro de campo e imitar o som de macaco nas arquibancadas – a multa para o clube era de 600 Euros. Isso mesmo, 600 Euros! Daquele ano em diante, infelizmente, tivemos muitos casos de racismo no futebol brasileiro³. Tivemos o caso do Grafite e o argentino Desábato; do Antônio Carlos e Geuvânio e até Neymar (que hoje se considera branco) já foi vítima de racismo em uma partida de futebol.

No final de 2007 a Federação Internacional de Futebol (FIFA), lançou um edital mundial para promover ações que tivessem como foco combater à discriminação no futebol. Junto com o cientista social alemão Martin Curi, apresentei uma proposta à FIFA. Naquele ano, muitas músicas ofensivas eram cantadas livremente nos estádios e queríamos saber o que as pessoas achavam destas músicas e dos gritos. A ideia nunca foi colaborar para que houvesse um patrulhamento junto à torcida, mas fazê-los refletir. Nosso projeto consistia na produção de material a ser distribuído em jogos no Maracanã e na realização de entrevistas (vídeos) que seriam postas em um site⁴. Fomos selecionados e botamos nossa pesquisa na rua⁵. Esperamos um final de semana de clássicos, e conseguimos entrevistar 20 pessoas de cada torcida dos quatro grandes clubes carioca.

Como frequentador de estádio imagino o quanto seria chato proibirmos toda e qualquer manifestação das torcidas. Porém, temos de discutir os limites das provocações. Esse é um problema, pois o tema ainda é pouco debatido no Brasil. A ideia não era censurar ou patrulhar os torcedores, era fazer com que pensassem se

¹ Pesquisador do Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior (GEA-ES) da Flacso Brasil; e Doutorando do Programa de Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da UERJ.

² Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), ONG fundada pelo Betinho em 1981.

³ Acredito que além do aumento dos casos, houve também, uma maior exposição destes casos na mídia.

⁴ Desde 2006, com o lançamento da campanha do “Mande um cartão vermelho para o racismo no futebol”, foi criado o site para recolher as assinaturas *online* e enviar a RFEF.

⁵ Veja Rio, 14 de Maio de 2008.

termos como *bacalhau imundo*, *pó-de-arroz* ou *mulambo* eram ofensivos. Ou entender se um canto como “Ela, ela, ela/silêncio na favela”, pra eles/as tem origem xenófoba ou conotação discriminatória seja de classe ou raça.

De posse dos depoimentos, foi possível entender duas coisas muito comuns entre as pessoas. A primeira é que todo mundo se sente protegido pelo anonimato que a multidão traz. Hoje um pouco menos, dependendo do estádio e do local em que você está, mas ainda persiste essa sensação. Ninguém vai me pegar, sou apenas mais um!

O outro ponto observado foi ver que todas as pessoas que assumiram entoar palavras, frases ou músicas de cunho discriminatório disseram só fazer isso dentro dos estádios. Será? Então as pessoas são machistas, racistas, homofóbicas só dentro dos estádios? Quando saem dali são pessoas exemplares? Estaria mentindo se dissesse que não conheço pessoas assim (poucas, é verdade), que perdem a cabeça ao torcer por seus times de futebol e que gritam os mais variados impropérios para todos os lados. Sei que estas pessoas longe daquela situação são sim, pessoas que respeitam o seu semelhante, mas e daí? Não adianta muita coisa, porque dentro do estádio o estrago já foi feito. Temos de discutir e mostrar que a rivalidade não precisa se basear na discriminação, no preconceito e muito menos na violência.

Nossa iniciativa foi muito interessante e rica para nós, mas nunca soubemos de nada feito pela FIFA, Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ou Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) para tratar do assunto. Acho que está discussão nunca aconteceu, e sem ter feito um debate amplo com a sociedade sobre um tema tão importante, recebemos a Copa do Mundo em 2014 e agora os Jogos Olímpicos.

O anonimato do estádio funciona como um amplificador de preconceitos, e as mulheres também são alvos constantes. Quando elas começaram a fazer parte do quadro de árbitros da CBF, começam também as manifestações grosseiras e machistas contra a presença naquele espaço que “não é” para gays e mulheres. Não há um lance em que uma auxiliar (bandeirinha, que fica mais próxima a torcida) não ouça algum insulto da torcida: se ela acerta para o time o cara grita “valeu gostosa”, se ela erra “tá cega sua piranha” e por aí vai. O preconceito, e o machismo, contra as mulheres atingem também as que entram em campo para jogar. Todas, sem exceção, são homossexuais para os que assistem. Jogar futebol e ser heterossexual, nem pensar! Isso é coisa de homem. Agora pensem bem, se fazemos isso com os atletas de “casa” porque não iríamos fazer com atletas de outros países e de outros esportes?

Nos primeiros dias de jogos olímpicos, já tivemos alguns casos de discriminação. Parte da torcida brasileira gritava “bicha”, para o goleiro da seleção masculina de futebol do Iraque, todas as vezes que ele bateu o tiro de meta no jogo contra o Brasil. Fato que também ocorreu em um jogo da seleção feminina de futebol dos Estados Unidos. Não sei se o goleiro entendeu o que estava acontecendo (sei que não imaginou estar sendo elogiado), mas uma jogadora da seleção dos EUA entende português, e conseqüentemente a situação, deu uma entrevista reclamando. Ela entende – e nós também - o que os/as torcedoras/es querem fazer quando gritam “bicha” para uma pessoa, seja ela atleta ou não.

Quando se chama alguém de “bicha”, quer se colar naquela pessoa toda carga negativa que a palavra traz, pois numa sociedade machista e homofóbica como a nossa, chamar alguém de “bicha” ou “sapatão” é dizer que aquela pessoa carrega com ela uma “cesta” de defeitos e comportamentos inadequados⁶.

No entanto, o caso mais falado esta semana e que tem relação com as Olimpíadas não começou aqui. No dia 8 de agosto, a judoca Rafaela da Silva que, se não fosse judoca, seria invisível para uma parte da população, pois é mulher, negra, lésbica e oriunda da Cidade de Deus, ganhou a medalha de Ouro na sua categoria e pouco depois desabafou nas entrevistas e nas redes sociais. Tudo começou em 2012, nas Olimpíadas de Londres. Quando foi desclassificada por um golpe irregular, Rafaela foi muito insultada por torcedores/as brasileiros/as nas redes sociais. Poucos criticaram a sua técnica de luta, a maioria a insultou de forma racista: “lugar de macaco é na jaula”; “macaca”; “você é uma vergonha pra sua família” e “você não serve pra isso”. A derrota foi atrelada a cor e não a sua capacidade.

Sei que estas palavras ofenderam profundamente Rafaela, pois só sendo mesmo negro ou negra (como nós) para entender toda carga que traz uma frase como: “você é uma vergonha” ou “você não serve pra isso”. Ouvimos isso desde criança, e passamos a vida lutando contra o determinismo social que querem nos impor. Estas frases podiam ter feito a judoca ter desistido do esporte. Mas não, ela ficou mais forte e ganhou o ouro. As Olimpíadas não são uma competição para determinar quais os melhores atletas, selecionar os vencedores, coroar os maiores e mais extraordinários. Seu sentido principal é mostrar a união de povos através do esporte. Mas às vezes surgem Rafaelas para mostrar que uns podem, sim, ser melhores que outros.

Ainda não temos uma legislação específica para punir os casos de discriminação nos esportes. A solução é complexa e várias coisas estão sendo testadas: punir os clubes com perda de mando de jogo; multas em dinheiro; identificação dos/as torcedores/as; perda de pontos; joga do portão fechado; ser retirado de uma competição e por aí vai. Posso dizer pelo menos que hoje a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) já não aplica mais multas de 600 Euros, isso é verdade. Também é verdade que o Comitê Olímpico Internacional (COI) apoia – e incentiva – os países que expulsam de seus quadros atletas que se mostram preconceituosos. Mas isso é o suficiente? Não, nem para a Europa e muito menos para o Brasil que, mesmo com todas as evidências contrárias, posa de democracia racial. Infelizmente, nosso país é ouro no quesito machismo, homofobia e racismo.

A verdade é que nada trará resultados se junto não fizermos campanhas sobre o valor da diversidade. Isso não é pouco! A convivência harmoniosa, a participação social, educacional e econômica com outros grupos, gerará uma cadeia de transformações que, num crescente, abrirá possibilidades de interferência no imaginário da sociedade. O mundo que queremos construir amanhã depende das atitudes que tomamos hoje, isso dentro e fora dos espaços esportivos.

⁶ No Brasil os casos de preconceito e racismo já saíram dos gramados e alcançaram as quadras de vôlei. Em 2012, o central Michael (Vôlei Futuro) e o oposto Wallace (Cruzeiro) foram alvos, respectivamente, de ofensas homofóbicas e racistas durante jogos da super liga de vôlei masculino.